



PUBLICAÇÃO: 14/08/2018



## Investir na resiliência: ferramentas e estruturas para gerenciar o risco climático físico

O objetivo deste documento é fornecer uma referência curta e acessível para os investidores sobre os conceitos básicos de **resiliência climática** e para indicar uma série de ferramentas e recursos relacionados à sua gestão.

A seção 1 descreve os principais conceitos de **resiliência climática**; A seção 2 descreve as duas visões diferentes **da resiliência climática** que os investidores exigem: a primeira uma visão geral / visão ampla da carteira e a segunda uma visão específica da localização / ativo. Ambas as visões são importantes e oferecem aos investidores opções diferentes para gerenciar a **resiliência climática**. A seção 3 apresenta uma tabela de ferramentas e recursos que podem ajudar os investidores a gerenciar a **resiliência climática**. A seção 4 conclui com uma breve discussão sobre os desafios para os investidores e sugeriu os próximos passos.

FONTE: [https://igcc.org.au/wp-content/uploads/2018/07/IGCC-Investing-in-Resilience-report\\_FINAL.pdf](https://igcc.org.au/wp-content/uploads/2018/07/IGCC-Investing-in-Resilience-report_FINAL.pdf)



## Priorizando as necessidades das crianças em um clima em mudança

Prevê-se que as **mudanças climáticas** antropogênicas aumentem a magnitude e a frequência de eventos climáticos extremos (por exemplo, inundações, secas e ondas de calor) que desencadeiam desastres humanitários ou outras emergências e podem exacerbar uma ampla gama de exposições ambientais que afetam direta e indiretamente as crianças.

Este documento fornece uma breve visão geral do impacto dos desastres relacionados às mudanças climáticas em crianças. Também oferece recomendações para enfrentar

esses desafios. Primeiro, um consórcio internacional de especialistas deve ser estabelecido, idealmente pela OMS e UNICEF, para desenvolver protocolos médicos e comportamentais adotáveis e para estabelecer agendas de pesquisa para identificar e abordar as necessidades específicas não atendidas das crianças. Em segundo lugar, é necessário o desenvolvimento de diretrizes de melhores práticas para o planejamento de eventos relacionados à mudança climática, incorporando estratégias para abordar a saúde e o cuidado das crianças. Finalmente, são necessários mecanismos de financiamento que são projetados para ajudar os países mais vulneráveis a se preparar e responder a desastres relacionados ao clima.

FONTE: <http://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.1002627>



## **Quantificação do excesso de mortes relacionadas a ondas de calor em cenários de mudanças climáticas: um estudo de modelagem de séries temporais em vários países**

As ondas de calor são um problema crítico de saúde pública. Haverá um aumento na frequência e severidade das ondas de calor sob mudanças climáticas. No entanto, as evidências sobre os impactos das mudanças climáticas na mortalidade relacionada à onda de calor em escala global são limitadas.

### **Métodos e descobertas**

Foram coletadas séries temporais diárias históricas de temperatura média e mortalidade para todas as causas ou causas não externas, em períodos que variaram de 1º de janeiro de 1984 a 31 de dezembro de 2015, em 412 comunidades dentro de 20 países / regiões. Estimamos as associações onda de calor e mortalidade por meio de um desenho de séries temporais de dois estágios. As séries de temperatura média diária atual e futura foram projetadas em quatro cenários de emissões de gases de efeito estufa de 1971 a 2099, com cinco modelos de circulação geral. Projetamos excesso de mortalidade em relação às ondas de calor no futuro em cada cenário de emissões de gases de efeito estufa, com duas hipóteses de adaptação (sem adaptação e adaptação hipotética) e três cenários de mudança populacional (alta variante, variante mediana e baixa variante). Os resultados mostram que, se não houver adaptação, Espera-se que o excesso de mortalidade relacionado à onda de calor aumente mais em países / regiões tropicais e subtropicais (próximo ao equador), enquanto os países europeus e os Estados Unidos terão menores aumentos percentuais no excesso de mortalidade relacionado à onda de calor. Quanto maior a variante da população e as emissões de gases de efeito estufa, maior o aumento do excesso de mortalidade relacionado à onda de calor no futuro. As mudanças em 2031-2080, em comparação com 1971-2020, variam de aproximadamente 2.000% na Colômbia a 150% na Moldávia, sob o cenário de maior emissão e cenário populacional de alta variante, sem qualquer adaptação. Se

considerássemos uma adaptação hipotética ao clima futuro, sob um cenário populacional de alta variante e todos os cenários de emissões de gases de efeito estufa, Espera-se que o excesso de mortalidade relacionado com ondas de calor aumente ainda em todos os países / regiões, com exceção da Moldávia e do Japão. No entanto, o aumento seria muito menor do que o cenário sem adaptação. As suposições simples com relação à adaptação são as seguintes: nenhuma adaptação e adaptação hipotética resultam em algumas incertezas das projeções.

## Conclusões

Este estudo fornece uma caracterização abrangente do excesso de mortalidade relacionada à onda de calor em várias regiões e sob cenários alternativos de emissões de gases de efeito estufa, diferentes pressupostos de adaptação e diferentes cenários de mudança populacional. As projeções podem ajudar os tomadores de decisão no planejamento de estratégias de adaptação e mitigação para as mudanças climáticas.

FONTE: <http://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.1002629>

JAMA Network

## Estatísticas vitais para calcular o excesso de mortes em Porto Rico após o furacão Maria

O número oficial de mortos do furacão Maria, que devastou Porto Rico em 20 de setembro de 2017, permaneceu em 64 desde 29 de dezembro de 2017. Estimativas precisas de mortes por desastres ambientais são importantes para informar as decisões de resgate, recuperação e políticas.

Usando contagem preliminar de mortes até outubro de 2017, o excesso de mortes relacionadas ao furacão foi estimado em 1085. No entanto, outras estimativas sugerem que o número de mortes em excesso pode chegar a 4645. A variação nas estimativas é devida a diferenças na metodologia. O número oficial de mortes do governo inclui apenas mortes nas quais a documentação de “relacionado a furacões” como a causa da morte aparece na certidão de óbito do indivíduo e não leva em conta mortes indiretas, incluindo de surtos de doenças infecciosas ou falta de serviços (como eletricidade, água e cuidados médicos). As estimativas de mortes em excesso tratam de mortes diretas e indiretas e geralmente usam contagens de óbitos de agências governamentais ou pesquisas, que são suscetíveis a margens maiores de erro.

FONTE: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2696479?alert=article>



## Estado do clima em 2017

Esta é a 28ª edição da avaliação anual agora conhecida como Estado do Clima, publicada no Boletim da Sociedade Americana de Meteorologia desde 1996. Como um complemento ao Boletim, sua principal função é documentar o status e a trajetória de muitos componentes de o sistema climático. No entanto, como uma série, o relatório também documenta o status e a trajetória de nossa capacidade e compromisso de observar o sistema climático.

O relatório, compilado pelo Centro de Clima e Clima da NOAA nos Centros Nacionais de Informações Ambientais, é baseado em contribuições de cientistas de todo o mundo. Ele fornece uma atualização detalhada sobre indicadores climáticos globais, eventos climáticos notáveis e outros dados coletados por estações e instrumentos de monitoramento ambiental localizados em terra, água, gelo e no espaço.

FONTE: [https://www.ametsoc.net/sotc2017/StateoftheClimate2017\\_lowres.pdf](https://www.ametsoc.net/sotc2017/StateoftheClimate2017_lowres.pdf)



## Estado do clima do Reino Unido de 2017

Este relatório fornece um resumo do clima e do clima do Reino Unido até o ano civil de 2017, juntamente com o contexto histórico para várias variáveis climáticas essenciais. Este é o quarto de uma série de publicações anuais sobre o “Estado do Reino Unido” e uma atualização do relatório de 2016 (Kendon et al., 2017). Fornece uma avaliação acessível, autorizada e atualizada das tendências, variações e extremos climáticos do Reino Unido, com base nos conjuntos de dados observacionais mais atualizados da qualidade do clima.

A maior parte deste relatório baseia-se em observações de temperatura, precipitação, insolação e velocidade do vento da rede de estações meteorológicas terrestres do Reino Unido, conforme gerenciado pelo Met Office e uma série de parceiros-chave e voluntários que operam em cooperação. As observações são cuidadosamente gerenciadas, de modo que estejam em conformidade com os padrões observacionais de melhores práticas atuais, conforme definido pela Organização Meteorológica Mundial (OMM). As observações também passam por uma série de procedimentos de garantia de qualidade no Met Office antes do pedido de monitoramento climático. Além disso, séries temporais de temperatura da superfície do mar perto da costa e elevação do nível do mar também são apresentadas.

O relatório apresenta estatísticas resumidas para o ano de 2017 e a década mais recente (2008-2017) contra as médias de 1961 a 1990 e de 1981 a 2010. 2008–2017 é um período de referência não padrão, mas fornece um “instantâneo” de 10 anos da experiência mais recente do clima do Reino Unido e como isso se compara aos registros históricos. Isso significa que as diferenças entre 2008-2017 e as médias de referência de

referência podem refletir variações de curto prazo, bem como tendências de longo prazo. Esses dados são apresentados para mostrar o que aconteceu nos últimos anos, não necessariamente o que se espera que aconteça em um clima em mudança.

A maioria dos mapas neste relatório mostra o ano de 2017 em relação ao período de referência médio de referência de 1981-2010, ou seja, são mapas de anomalia que mostram a variação espacial dessa diferença em relação à média. Os mapas de valores reais não são exibidos porque são dominados pela climatologia subjacente, que para este relatório é de menor interesse do que a variabilidade ano após ano.

Em todo o texto do relatório, os termos “acima do normal” e “acima da média” etc. referem-se ao período médio de referência de referência de 1981–2010, salvo indicação em contrário. Valores cotados em tabelas ao longo deste relatório são arredondados, mas onde a diferença entre dois desses valores é citada no texto (por exemplo, comparando a década mais recente com 1981-2010), essa diferença é calculada a partir dos valores não arredondados originais.

FONTE: <https://rmets.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/joc.5798>



## **A influência de advertências climáticas severas baseadas em impacto nas percepções de risco e ações de proteção pretendidas**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa on-line do público da Nova Zelândia (n = 1364), realizada em 2015, que testou a influência de alertas de tempo severo baseados em impacto nas percepções de risco e ações de proteção pretendidas. Este trabalho usou um evento climático grave hipotético envolvendo ventos fortes, com 50% dos participantes recebendo um aviso baseado em impacto, e 50% recebendo um aviso baseado em fenômeno mais tradicional (que neste caso é quando a velocidade do vento deverá ser maior que um determinado número).

Os resultados indicam que as advertências baseadas em impacto podem ser mais eficazes do que as advertências baseadas em fenômenos, influenciando a percepção do destinatário do evento perigoso (seu senso de ameaça, preocupação e compreensão dos possíveis impactos), mas isso não se traduz em nível de ação. As características de gênero, idade e localização da residência também influenciaram as percepções de risco e as ações pretendidas. No entanto, a experiência de ter sido afetada por fortes ventos no passado não foi uma forte influência na intenção de responder. Os resultados apoiam

a inclusão de informações sobre perigos, impactos e informações sobre o que fazer em uma mensagem de aviso.

FONTE: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212420918304011>



## Centro da ONU diz que Brasil é modelo para promover alimentação escolar na África

O Brasil tem sido o “espelho” para países africanos que querem implementar programas próprios de alimentação escolar. A avaliação é do diretor do Centro de Excelência contra a Fome, Daniel Balaban, que participou na semana passada (8), em Brasília, de uma oficina com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Encontro debateu os rumos da cooperação entre as instituições.

Da parceria entre os dois organismos do governo brasileiro e o Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA), nasceu o Centro de Excelência contra a Fome, que desde 2011 apoia países em desenvolvimento a criarem políticas públicas de combate à fome e à pobreza.

“A União Africana tem hoje uma determinação de que os países devam criar programas nacionais de alimentação escolar, se apropriando disso, e todos estão trabalhando nisso de uma forma ou de outra. O Brasil tem sido o espelho para que esses países criem os seus programas, o que demonstra o sucesso da nossa parceria, que tem dado resultados”, afirmou Balaban durante o evento.

O centro já apoiou mais de 30 países no desenvolvimento de estratégias para o fornecimento de refeições em centros de ensino. “A eficiência, eficácia e bons resultados dos programas são determinantes, num momento de restrições financeiras, para que possamos garantir recursos para as nossas iniciativas de cooperação internacional. O governo brasileiro tem aqui um modelo que serve para o mundo”, elogiou o chefe de Gabinete do FNDE, Rogério Lot.

A coordenadora-geral de Cooperação Técnica com Organismos Internacionais da ABC, Cecilia Malaguti, reafirmou o compromisso da agência com os parceiros. “Nesses sete

anos, tanto a ABC quanto o Centro desenvolveram capacidades para que os nossos resultados sejam cada vez mais concretos e reconhecidos mundialmente como uma iniciativa totalmente inovadora”, disse.

FONTE: <http://centrodeexcelencia.org.br/en/partnership-wfp-brazilian-government-theme-workshop/>



## Degradação dos solos pode agravar flutuação dos preços de alimentos, alerta FAO



Saúde dos solos é importante para promover segurança nutricional, diz FAO. Foto: FAO

Em pronunciamento para a abertura do Congresso Mundial de Ciências do Solo, o chefe da FAO, José Graziano da Silva, alertou no domingo (12) que a [degradação das terras](#) produtivas pode agravar no futuro a volatilidade dos preços dos alimentos. O empobrecimento do solo também causa migrações involuntárias de agricultores, que ficam em maior risco de viver na miséria, acrescentou o dirigente.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), os solos do planeta estão ameaçados pela erosão, desequilíbrio de nutrientes, acidificação, salinização e outras formas de poluição. Perigos à saúde das terras incluem ainda a perda de carbono e de biodiversidade, bem como o fenômeno da compactação — quando a terra é comprimida, reduzindo os poros que permitem a entrada de ar e água no solo.

Atualmente, um terço de todas as terras do planeta são consideradas degradadas. “Embora os solos estejam escondidos e, frequentemente, esquecidos, contamos com eles para nossas atividades diárias e para o futuro do planeta”, afirmou Graziano em mensagem de vídeo para o congresso, que reúne mais de 2 mil cientistas no Rio de Janeiro até a próxima sexta-feira (17).

“A degradação do solo afeta a produção de alimentos, causando fome e desnutrição, amplificando a volatilidade dos preços dos alimentos, forçando o abandono da terra e levando milhões de migrantes involuntários à pobreza”, acrescentou o chefe da FAO.

O diretor do organismo internacional defendeu ainda que a gestão sustentável desse recurso natural deve ser “parte essencial da equação do Fome Zero”.

Os solos, lembrou Graziano, funcionam também como importantes ferramentas para a mitigação e a adaptação às mudanças climáticas. Isso porque as terras têm a capacidade de armazenar carbono. “Manter e aumentar o estoque de carbono no solo deve se tornar uma prioridade”, afirmou o dirigente.

A FAO desenvolve o projeto *Global Soil Partnership* (Parceria Global dos Solos), mobilizando governos e outros parceiros para melhorar capacidades técnicas e trocar conhecimentos sobre a saúde do solo.

“Façamos do solo um veículo de prosperidade e paz e mostremos a contribuição dos solos para alcançar os [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#)”, completou Graziano.

**FONTE:** <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1148864/>



## **INFORMAÇÕES**

### **PROMOTOR BRASIL**

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

### **CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO**

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

### **INFORMATIVOS UNISDR**

<http://www.eird.org/camp-10-15>

### **PREVENTIONWEB**

<http://www.preventionweb.net/english/>

### **SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL**

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>